



Hélder Simbad *

Uma nota de jornal, publicada a 5 de Agosto de 2021, dava conta que os cursos de Pedagogia, Psicologia e Filosofia deixariam de ser ministrados nos seis ISCED (Instituto Superior de Ciências da Educação) existentes no território nacional por não estarem alinhados às necessidades educativas do país e por não proporcionarem empregabilidade aos seus licenciados. A notícia, na verdade, surgiu na sequência da publicação do Decreto Executivo n.º 540/21 (Ministério do Ensino Superior, Ciência, Tecnologia e Inovação), via Diário da República – I.ª Série n.º 198 de 19 de Outubro de 2021, que aprova a “descontinuidade da ministração dos Cursos de Licenciatura em Ensino de Pedagogia e de Licenciatura em Ensino de Psicologia nas Instituições de Ensino Superior”.

De acordo com Eugénio Silva, secretário de Estado para o Ensino Superior, os professores formados nestes cursos, além de não serem necessários no ensino secundário pedagógico, não estavam qualificados para a docência de quaisquer outras matérias no ensino pré-escolar e geral, pelo que eram reduzidas as suas possibilidades de enquadramento no sistema educativo. Entre as alegações de Eugénio Silva, secretário de Estado para o Ensino Superior, traduz-se que os formados nestas áreas não são “necessários”, não estão “qualificados”, não há possibilidade de “enquadramento” no sistema educativo. Outrossim, o subtítulo da notícia do jornal Expansão – “Cursos Não Garantem Empregabilidades Aos Seus Formandos” – acentuava o aspecto melodramático da descontinuidade destes cursos, um homicídio epistemológico que, pelas leituras que temos feito ao longo desses anos, sobretudo no âmbito dos concursos públicos, não se restringe a estes cursos, senão às Humanidades de um modo geral.

Temos sido movidos por uma mentalidade utilitarista, que leva a desprezar tudo o que não é funcional de acordo com uma lógica assente na produção e no consumo daquilo que se afigura como rentável. Por consequência disso e para contornar o problema da empregabilidade, os cursos técnicos e a disciplina de Empreendedorismo passaram a ser assuntos recorrentes nas exortações públicas. Acreditamos que

EM DEFESA DAS ARTES E DAS HUMANIDADES

Reutilização dos saberes inúteis no contexto do utilitarismo angolano

A lógica do lucro é indubitavelmente o maior empecilho do ensino actual e tem produzido efeitos catastróficos na educação. Por consequência, hoje, grande parte dos formandos entra para uma faculdade pensando no emprego e não propriamente na formação



as crises económicas que assolaram o país estejam na base do radicalismo do pensamento utilitarista; porém, engana-se quem crê que seja a sua génese. Teoricamente, a nossa abordagem está ancorada na dialéctica de “A utilidade do inútil” e, por consequência disso, o italiano Nutio Ordine (2016), surge como referência e esclarece que nesse contexto brutal “a utilidade dos saberes inúteis contrapõe-se radicalmente à utilidade dominante que, em nome de um interesse exclusivamente económico, está progressivamente matando a memória do passado, as disciplinas humanísticas, as línguas clássicas, a educação, a livre pesquisa, a fantasia, a arte, o pensamento crítico e o horizonte civil que deveria inspirar toda actividade humana”. (Ordine, 2016, p.9)

A lógica do lucro é indubitavelmente o maior empecilho do ensino actual e tem produzido efeitos catastróficos na educação. Por consequência, hoje, grande parte dos formandos entra para uma faculdade pensando no emprego e não propriamente na formação. Uma faculdade deveria formar especialistas capazes de explicar teoricamente os fenómenos práticos, e não operários que poderiam ser formados em cursos profissionalizantes de duração curta ou média. Neste sentido, o estudante procura o curso que se lhe afigura como de fácil rentabilização.

Para tentar contrapor a quase inutilidade das Letras

e das Línguas em Angola, a Universidade Católica de Angola criou o curso de Línguas, Tradução e Administração, hoje, apenas Línguas e Administração. Entretanto, embora seja um curso de valor e agregue muito conhecimento, o resultado, em termos de empregabilidade, se se fizer um estudo estatístico, não será dos melhores. Sabemo-lo porque é o nosso curso de Licenciatura. Grande parte dos colegas trabalham em áreas deslocadas e nas inscrições *online* para os concursos públicos, na janela das formações académicas, o curso provavelmente continua a não constar. Não éramos aceites porque não éramos formados em nada, em alguns casos; noutros casos, porque éramos formados em muitas coisas, e nunca dominaríamos eficazmente uma dessas áreas.

De acordo com Ordine (2016), especialmente nos momentos de crise económica, quando as tentações do utilitarismo e do egoísmo mais sinistro parecem ser a única estrela e a única tábuca de salvação, é preciso compreender que exactamente aquelas actividades que não servem para nada podem nos ajudar a escapar da prisão, a salvar-nos da asfixia, a transformar uma vida superficial, uma não vida, numa vida fluída e dinâmica, numa vida orientada pela *curiositas* em relação ao espírito e às coisas humanas. Porém, parece que não aprendemos nada com a pandemia da Covid-19 que, para

além da quase inoperância da mobilidade humana, impôs várias restrições. Ali o universo do utilitarismo colapsou, um martelo já valia menos que uma sinfonia e passamos a fazer lives de todo o tipo; uma faca já passou a valer menos que um poema, e diariamente partilhavam-se leituras nas redes sociais; inventamos todo o tipo de jogo para assegurar a nossa saúde psicológica. Foi uma fase em que quem não teve imaginação sofreu muito de enfado, tal como quem não tinha propósito fora do seu local de trabalho. É que a saúde psicológica é um bem que é indubitavelmente melhor alimentado por estes saberes considerados inúteis.

Ainda no âmbito da Covid-19, surgiram muitas teorias da conspiração. Aventava-se, em face aos discursos sobre a necessidade mundial de contenção demográfica enunciados por multimilionários ligados aos saberes tecnológicos e que posteriormente viriam a patrocinar a criação das vacinas. Para muito boa gente, o maior alvo da suposta arma biológica era África. Entretanto, o africano mostrou-se muito resistente. É que até para esta maldade é necessário o domínio dos saberes considerados inúteis. Não se faz uma arma biológica do tipo Covid-19 para acabar com um povo sem que se conheça todos os aspectos essenciais, sem que se inscreva na ecologia de saberes e se entenda o que se come, o que se bebe, o poder medicinal

das suas plantas, este último, neguem as Autoridades Sanitárias do país, o triunfo em Angola. Por conseguinte, postula-se aqui que a sobrevivência das Artes, da Filosofia e das Humanidades é a sobrevivência da humanidade, porque as Humanidades compreendem e explicam o homem melhor que qualquer outro campo categorial. Ademais, todas as ciências têm um pouco das Humanidades, na medida em que os benefícios recaem para os homens e metodologicamente regem-se também por princípios filosóficos. Nós, homens, precisamos cultivar a sensibilidade para mortificar o bárbaro em nós.

É preciso esclarecer que não estamos a pregar o anti-utilitarismo, mas sim a reivindicar o lugar da Filosofia, das Humanidades e das Artes na sociedade angolana. Cremos que a relevância da Filosofia, da Literatura e das Humanidades só não cabe em um robot. Falar sobre a necessidade da sua sobrevivência é defender o que nos faz humanos. A lógica utilitarista faz-nos refém quando o homem foi feito para ser livre e criativo. Obliterar os saberes considerados não utilitários leva-nos à robotização. Não podemos reduzir a inteligência às coisas que geram lucros no sentido capitalista, às coisas visíveis, quando o próprio homem é feito de Matéria Física e de Matéria Abstracta.

Não podemos restringir a sobrevivência dos saberes considerados inúteis à existência

de cursos de Literatura, Música, Artes, Filosofia e Humanidades. Pelo que temos vindo a depreender da tecnocracia, desde o Poder aos técnicos formados no estrangeiro e localmente, passando pelo empresariado, há toda uma necessidade de pregarmos religiosamente “o pensamento complexo” e a “ecologia de saberes” para sairmos deste poço cada vez mais aprofundado por medidas meramente técnicas não funcionais. Para o Poder tecnocrata, a cultura, as virtudes, as Artes entram na classe dos gastos supérfluos. Como consequência disso, grande parte das livrarias antigas e as mais clássicas morrem, aglutina-se a Cultura com outros sectores ministeriais para a tornar mais útil, matam-se prémios literários e relega-se a arte à sua sorte. Esta lógica tem feito com que a Lei n.º 8/12, de 18 de Janeiro, vulgarmente conhecida como lei do Mecenato, tenha um efeito exclusivamente decorativo. Esta mesma lógica utilitarista fez com que, por exemplo, a Sonangol E.P., após as sucessivas ondas de crise no sector petrolífero, extinguisse um dos prémios que melhor honrava financeiramente o escritor angolano, em particular, e, em geral, o africano de língua portuguesa.

Em síntese, para um estado de restauração da “reutilidade do inútil” depende, entre outros factores primários, variavelmente da definição das bases ideológicas do nosso ensino, essencialmente de matriz ocidental, em conjugação à obediência aos sete pilares estabelecidos por Edgar Morin que entra já “a ecologia de saberes”, que leva à valorização do conhecimento endógeno, milenarmente instituído e marginalizado, primeiro pela colonização europeia e, posteriormente, após as independências, pelo inconsciente colonial que governa as mentalidades dos comandos africanos.

(Continua)

* *Escritor, Crítico Literário e Professor de Teoria da Literatura e Literatura Portuguesa da Universidade Jean Piaget, Coordenador Geral do Círculo de Estudos Literários e Linguísticos Litteragris*

.....
<https://expansao.co.ao/universidade/interior/isced-deixa-de-formar-docentes-de-pedagogia-psicologia-e-filosofia-103601.html>

Referências Bibliográficas

Morin, E. (2005). *Introdução ao Pensamento Complexo* (Lisboa, E. Trad.). Porto Alegre: Editora Sulina.
Morin, E. (2000). *Os sete saberes necessários à educação do futuro* (trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya, 2. ed.). – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO.
Ordine, N. (2016). *A utilidade do inútil: Um manifesto* (Trad. Bombassaro, L. C.). ZAR
Santos, B. S. (2008). *Ecologia de Saberes*. in Santos, B. S e Filho, N. A. A. *Universidade no Século XXI: Para uma Universidade Nova*. Coimbra.